



Vinhos que nunca esqueceremos



ENTRE os muitos – e bons – vinhos que passaram pelo painel de prova da VINHO Grandes Escolhas durante o ano passado não foi tarefa fácil escolher os melhores. Esta é uma lista de 30 extraordinários momentos em que a profissão de provador se transforma num verdadeiro privilégio. Oriundos de dez regiões diferentes, os melhores vinhos do ano são um mosaico do que de superlativo se faz por esse país fora, na sua qualidade exemplar mas também nos estilos diversos e no carácter que cada um revela no copo. São 16 tintos, oito brancos, três Porto, dois espumantes e um licoroso. Nas origens domina o Douro, com 11 representantes (sete DOC, um Regional Duriense e três Porto), mas Alentejo (5), Dão (4), Bairrada (3) e Península de Setúbal (2) também são “repetentes”, numa lista que inclui ainda Távora-Varosa, Monção e Melgaço, Beira Interior, Lisboa e Tejo. Brindemos, pois, aos melhores vinhos portugueses lançados em 2017! Nunca os esqueceremos.



Murganheira

Távora-Varosa Espumante
Chardonnay branco 2008
Soc. Agr. Com. do Varosa

Sendo esta uma das casas que em Portugal produz melhores espumantes, por norma são as suas referências com mais estatuto a receber honras de excelência. Apraz-me este prémio. Provo e bebo espumantes Murganheira há muitos anos e este Chardonnay foi sempre dos meus vinhos preferidos. Pode não ser o vinho mais fino, ou aquele com a mousse mais subtil ou ainda o que possui o aroma mais complexo, mas é, quanto a mim, o espumante com mais presença e carácter destas caves. É um espumante com peso sem ser pesado, fala alto, mas escolhe as palavras, é convincente, objetivo e focado. Um grande espumante de uma casta que nasceu para o fazer – a inimitável Chardonnay. (JA)

Citrino na cor, bastante delicado nos aromas, com muito boa complexidade de fruta citrina; na prova de boca nota-se uma grande cremosidade e frescura num perfil muito ligado ao carácter do Chardonnay, como a maçã verde, o pão torrado, o biscoito. Profundo, sofisticado, classe e sedução pura. (14%)



Vértice

Douro Espumante Gouveio branco
2008
Caves Transmontanas

Há vários anos que as Caves Transmontanas se tornaram uma referência obrigatória quando o tema são os espumantes do Douro, tendo sido responsáveis pelo renascimento deste tipo de vinho na região. As zonas altas proporcionam mostos de excelente acidez, condição obrigatória para que se consiga um espumante fino e elegante e foi ali que Celso Pereira começou as suas experiências com as castas locais e com as conceituadas castas da região de Champagne. Uma das escolhidas foi a Gouveio, variedade que frequentemente encontramos nos brancos durienses. Neste espumante demonstra-se sem equívocos que estamos perante uma perfeita adaptação para este tipo de vinho, com um resultado notável. (JPM)

Sublime elegância aromática, com leves tostados, notas de biscoito, minerais, maçã ácida. A boca é encantadora, com textura cremosa, frescura vibrante e fina, bolha finíssima, tudo com grande complexidade e requinte. Final muito longo, limonado e distinto. Belíssimo! (12%)



Anselmo Mendes Parcela Única

Vinho Verde Monção e Melgaço
Alvarinho branco 2015
Anselmo Mendes Vinhos

Anselmo Mendes é um crónico vencedor dos melhores vinhos do ano, e a culpa reside na sua ligação umbilical à casta Alvarinho. Depois de ter feito tudo, ou quase tudo, com a casta minhota, Anselmo Mendes selecionou uma pequena parcela – 2 hectares – que identificou como aquela que produz o mais mineral e delicado dos Alvarinhos por si produzidos. Das uvas dessa parcela, cujas vinhas têm pouco mais de 20 anos e se encontram plantadas numa ligeira encosta com solo carregado de pedra granítica, Anselmo opta por uma prensagem suave de uvas inteiras para não deixar escapar toda a influência deste terroir único. A fermentação ocorre em barricas novas de carvalho francês de 400 litros, mantendo-se nestas barricas durante 9 meses com batonnage sobre borras totais. É um dos melhores brancos de Portugal, e arredores... (NOG)

Suprema elegância e complexidade, casca e flor de citrinos, pele de laranja, tangerina, pedra molhada, especiarias várias. Super cremoso, finíssimo e sofisticado, vibrante de frescura, intenso mas ao mesmo tempo subtil, com final interminável e muita vida pela frente. Um vinho sublime, que roça a perfeição. (12,5%)



Grandjô

Reg. Duriense Late Harvest
branco 2013

Real Companhia Velha

O Grandjô é, tradicionalmente, um dos melhores colheitas tardias em Portugal, com uma finesse e concentração de classe mundial. É feito da casta Semillon, conhecida em Portugal como Boal, que com os seus bagos relativamente grandes e pele fina é facilmente afectada pelo fungo *botrytis cinerea*. Mas para a ação do fungo resultar em podridão nobre, são necessárias condições muito especiais – uvas perfeitamente maduras e alternado efeito de nevoeiros matinais e tardes soalheiras. Isto consegue-se graças ao micro-clima de algumas parcelas da Quinta do Casal da Granja, no planalto de Alijó. Sendo assim, o vinho é produzido em quantidades mínimas e não todos os anos. (VZ)

Belíssima cor com laivos alaranjados, enorme complexidade aromática (mel, tangerina, flor de laranjeira), com o fungo botrytis bem presente. Gordo e untuoso, mas ao mesmo tempo com deliciosa acidez e frescura, requintadíssimo, com final interminável. Um soberbo late harvest, de nível mundial. (12%)



Passadouro

Douro Touriga Nacional tinto 2014
Quinta do Passadouro Sociedade
Agrícola

Em pleno Vale Mendiz, num fundo do vale, fica a vetusta Quinta do Passadouro. A enologia há muito que está a cargo de Jorge Serôdio Borges (Wine & Soul e Maritávora), e desde sempre os néctares que daqui saem são de altíssima qualidade, sejam DOC Douro ou mesmo Porto. A marca mais forte tem sido o Reserva da propriedade, muito premiada e com longevidade garantida, mas mais recentemente surgiram monocastas de Touriga Nacional e Franca, ambas num perfil mais elegante do que o Reserva. Em 2014, o Touriga Nacional esteve a um nível soberbo, com intensidade e profundidade típicas da região duriense, o perfil químico e austero do Passadouro, mas num registo mais aberto e alegre. (NOG)

O vinho expressa uma generosidade de frutas impressionante, enquadrada numa estrutura elegante. Exibe cor rubi jovem e profunda. No nariz apresenta notas intensas de geleia de amora, especiarias doces, moka, violeta, chocolate e ervas mediterrâneas secas. Na boca é maduro e sumarento com acidez equilibrada, apoiado por uma textura sedosa magistral e final de boca persistente. (13,5%)



Poeira 44 barricas

Douro tinto 2014
Jorge Nobre Moreira

Em 2001 Jorge Moreira comprou esta propriedade em Provesende, e fez aí a sua primeira vindima do Poeira. Um vinho quase conceptual na altura, a partir de uma vinha tradicional virada a norte, com sombra durante o fim da tarde. Sempre num registo fresco e tenso, com a barrica impecavelmente presente, é um vinho que marcou desde cedo um perfil diferente do Douro no final da década de 90. Representativo do seu terroir muito próprio, e com a enologia precisa de Jorge Moreira (enólogo na Real Comp.ª Velha e na Quinta de La Rosa), o Poeira é sempre um dos melhores tintos do Douro no mercado. Em 2014, numa colheita mais fresca que o habitual, o Poeira revelou-se verdadeiramente excepcional, estando entre os melhores dos melhores da região. (NOG)

Mostra uma rara elegância de fruta e de madeira, taninos muito finos mas bem evidentes, com muita classe de conjunto na estrutura e no perfeito polimento. Um tinto impressionante de harmonia, sofisticado, distinto, com brilhante frescura no longo final. (13,5%)





Quinta da Boavista Vinha do Ujo

Douro tinto 2014

Lima & Smith

Foi com a aquisição da Quinta da Boavista por novos investidores que os consumidores voltaram a ter notícias desta quinta emblemática que passou então a fazer também vinhos DOC Douro. A quinta tem dois vinhos de parcela, o Ujo e o Oratório, e desde a primeira apresentação que percebemos que estávamos perante vinhos de elevado nível e cinzelados com mão delicada. A segunda edição confirmou, agora com uma produção ligeiramente aumentada, que daquelas parcelas é possível esperar vinhos notáveis que conseguem expressar as virtudes daquelas encostas de onde antes apenas nascia Vinho do Porto. Um tinto de enorme elegância, puro no aroma e exemplar no trabalho de ligação com a barrica. (JPM)

Vinha com mais de 80 anos e exposição poente. Estagia 16 meses em barrica de carvalho francês. Aroma com muito fruto, bonito e pleno de classe, especiado também, bela percepção de frescura. Prova de boca jovem, com taninos sérios e perfil enorpado e carnudo. Vai crescer em garrafa nos próximos anos. Excelente vinho. (14%)



Quinta da Leda

Douro tinto 2015

Sogrape Vinhos

Adquirida pela Casa Ferreirinha em 1979, a Quinta da Leda tornou-se um dos ícones da empresa. A partir de 2001, e já então integrada na Sogrape Vinhos, passou a vinificar as uvas dos seus 160ha em adega própria, de que este Quinta é um ilustre representante, ao lado de outras marcas também aqui produzidas, como o Barca Velha ou Callabriga. Basicamente feito de Touriga Nacional e Touriga Franca, este tinto, que em 2015 atingiu as 62.500 garrafas, tem tido edição anual e a qualidade é sempre muito elevada. A sua localização no Douro Superior, com estios muito quentes e secos, a proximidade do rio e uma viticultura de precisão têm permitido fazer da marca uma aposta sempre ganha. (JPM)

É um vinho onde estrutura e frescura se combinam de forma absolutamente superior. Concentração, riqueza de fruta, com grande delicadeza de taninos e com uma enorme qualidade geral. Profundo e cheio de garra, muito longo, com imenso poder de sedução. (13,5%)



Quinta do Monte Xisto

Douro tinto 2015

João Nicolau de Almeida & Filhos

Este vinho reflete o profundo conhecimento do Douro e profissionalismo geracional dos seus criadores – João Nicolau de Almeida e os seus filhos Mateus e João. Esta aventura teve início em 1993, quando o João Nicolau de Almeida encontrou no Douro Superior, perto da Vila Nova de Foz Coa, um terreno muito xistoso, que deu origem ao projecto e ao nome da Quinta. Nos 10 hectares plantaram a vinha composta por castas típicas do Douro em condições de viticultura biológica e biodinâmica. E o primeiro vinho lançado ao mercado foi da colheita 2011, impressionando desde logo pela sua enorme qualidade e tremenda elegância. A partir daí foi um grande sucesso, o que se confirma nesta quinta edição do Quinta do Monte Xisto. (VZ)

Enorme profundidade e complexidade, com a fruta madura do Douro Superior envolvida em notas de esteva, mato, especiarias, flores do campo, sugestão de fumo. Taninos de seda, imensa elegância e frescura, um tinto que descobre camada a camada e que vai sempre crescendo no copo. Muito jovem ainda, deslumbra já desde o primeiro momento. (13,5%)



Quinta Nova Nossa Senhora do Carmo

Douro Grande Reserva tinto 2015
Quinta Nova Nossa Senhora do Carmo

Foi dos tintos que mais me entusiasmou durante o ano de 2017, provado em prova cega, onde que só percebi o que estava a provar depois de descoberto. Recordo-me de me ter provocado alguma surpresa porque não conhecia ainda tamanho afinamento tânico na casa que o produz. Ao lado de muitos outros grandes vinhos do Douro, o Grande Reserva da Quinta Nova (feito à base de um lote de Touriga Nacional e uvas de vinhas velhas com diversas castas misturadas) destacou-se pela enorme finura e elegância de prova. Fino, suave, macio e profundo como nenhum outro. O Douro no seu melhor. (JA)

Um perfil mineral evidente ao lado da fruta, inserido num ambiente fresco e cheio de classe. Evidencia uma prova de boca de grande categoria, com muita substância, notas de grafite envolvidas com fruta expressiva e fresca e com tanino extremamente fino, num conjunto com notável equilíbrio e presença. (14%)



Quinta da Pellada Primus

Dão branco 2015
Quinta da Pellada - Álvaro Castro

Dão branco no seu melhor. Vinhas velhas com cerca de 65 anos, entre as quais se encontram Encruzado, Cercial-Branco, Bical, Terrantez e Verdelho, todas misturadas e situadas a uma altura de 500m com influência benéfica da Serra da Estrela. As condições edafoclimáticas próprias ajudam a amadurecer as uvas, preservando ao mesmo tempo a acidez responsável pela estrutura e longevidade do vinho. Para lapidar este diamante proveniente da terra, a fermentação foi parcialmente conduzida em barricas, seguindo-se batonnage durante 3 meses. A Quinta da Pellada, cujas raízes remontam ao século XVI, obteve uma nova vida nos finais do século passado graças ao esforço de Álvaro de Castro, que herdou a propriedade e a transformou na base dos seus melhores vinhos. (VZ)

Um branco muito fino, que abre no copo, com notas mais fechadas ao lado de outras de tangerina, citrinos muito puros e sofisticados. Na boca dá uma prova de enorme qualidade. Estrutura ao lado de enorme subtilidade, é um vinho muito distinto, imponente, que está aqui para durar. (13,5%)



Quinta dos Carvalhais Branco Especial

Dão branco
Sogrape Vinhos

Depois das edições de 2013 e 15, este branco voltou a ser editado em 2017. A ideia inicial – um vinho branco estagiado vários anos em casco usado – começou por se materializar num Colheita Seleccionada (descontinuado) e evoluiu depois para este Branco Especial. Esta nova edição resulta de um lote vinhos de 2005, 06 e 09 e dele foram feitas 7.000 garrafas, mais do dobro da primeira edição. As castas mantêm-se, com o Encruzado, Gouveio e Semillon a serem acompanhadas no lote com outras variedades misturadas. Numa época em que os vinhos brancos jovens (e sempre da colheita mais recente) parecem dominar o mercado, é bom saber que ainda há espaço para vinhos como este, de inegável sentido gastronómico. (JPM)

Delicados aromas de frutas cítricas, ameixa amarela, notas de mel, nozes e atraentes toques minerais, bem como especiarias doces. No paladar mostra incrível concentração de fruta, sedosa textura e grande complexidade. Encorpado, com muita personalidade, um final de boca persistente e muito carácter e elegância. (14%)





Teixuga

Dão branco 2013
Caminhos Cruzados

Ao Dão vamos sempre pedir que nos dê vinhos elegantes, que saiba agradar quer em brancos quer em tintos, que nos diga que as suas castas emblemáticas de lá não querem sair e que nos surpreenda com novos produtos, cheios de garra e muita personalidade. A Quinta da Teixuga, outrora fornecedora de uvas a empresas da região, soube autonomizar-se e criar a sua própria marca. Este branco surgiu então para nos dizer que concentração, madeira, fruta, acidez e elegância se podem reunir numa só garrafa. Ajuda ter mão segura por perto, porque "naturalmente" o vinho não chegava lá sozinho. O resultado impressiona os sentidos e dá-nos total confiança no futuro. Das castas, da região e do produtor. (JPM)

Intenso na cor, fruta madura de grande qualidade, notas de tosta, num perfil cheio, amanteigado. Muito bem na boca, com volume, excelente estrutura equilibrada por bela acidez citrina, num registo vivo e de final muito prolongado. Um vinho fino e sofisticado. (13,5%)



Varanda da Serra

Dão branco 2014
Ares do Dão-Lusovini

As vinhas velhas originam muitas vezes autênticos vinhos de terroir. A razão é simples. Enquanto em França encontramos duas ou três castas por região e são os solos e exposições que definem as diferenças, em Portugal (onde qualquer canto de terra dá excelente vinho) é a coleção ampelográfica contida em cada vinha (velha), sempre vasta e variada, que vai definir o carácter do vinho. É gratificante quando encontramos resultados tão genuínos e autênticos como este Varanda da Serra, um branco engarrafado apenas em garrafas Magnum, como que a indiciar a enorme capacidade de evolução e crescimento em garrafa que este vinho possui. Não é que precise de ser ainda melhor, mas é o que vai acontecer. (JA)

Aroma muito complexo, de traços minerais e citrinos, a barrica presente apenas na medida certa. Gordo na prova de boca, com muito boa acidez, formando um conjunto de muito grande nível, com bela expressão granítica. Notável, parece que o tempo não passou por ele. (13%)



Kompassus Private Colection

Bairrada branco 2014
Kompassus Vinhos

João Póvoa é uma pessoa especial no mundo do vinho. Médico de profissão é "vigneron" por opção de vida. Nasceu e cresceu no meio das vinhas de Ourentã (um dos terroirs bairradinos) e a elas voltou para fazer uma grande marca de vinho Bairradino, o Quinta de Baixo, que, anos mais tarde, trocou por uma outra: a Kompassus. Tintos e espumantes eram por norma o seu forte, mas, desde há um par de anos que a bitola da alta qualidade se estendeu também aos brancos. Cercial vindimado no início de Setembro, Arinto quase no fim de Outubro, fermentação em barricas novas e usadas, resultando num branco imperdível como o são, em boa verdade, uma grande parte dos vinhos Kompassus. (JA)

É um branco impressionante, um caso raro de perfeito equilíbrio entre corpo cheio, distinta leveza (tem pouco mais de 12% álcool), sabor intenso, barrica discretíssima e enorme carácter e frescura. Muito citrino (folha e flor de limoeiro), leve nota de fumo, acidez crocante e persistente, cheio de sentido de terroir. Apenas 1.500 garrafas produzidas. (12%)



Quinta das Bageiras Pai Abel

Bairrada tinto 2011

Mário Sérgio Alves Nuno

Mário Sérgio Nuno quis homenagear o senhor seu pai com uma referência diferente dos seus prestigiados Garrafeira, mas mantendo a consistência e singularidade que sempre caracterizam os vinhos da Quinta das Bageiras. É um tinto que provém de vinhas relativamente mais novas do que aquelas que produzem o Garrafeira (mas tão-pouco são jovens...), mantendo-se o solo argilo-calcário e a ausência de desengace. A partir de Baga, com uma quinta parte de Touriga Nacional, inova e destaca-se pela sujeição a várias remontagens e a um estágio em barricas usadas de carvalho francês, consubstanciando um brilhante compromisso entre tradição e modernidade. Um tinto com a tipicidade e acidez da Bairrada, e a afinação em madeira e estágio em garrafa. Na fantástica colheita de 2011, o Pai Abel tinto alcançou um nível difícil de igualar. (NOG)

Enorme na presença e complexidade aromática: terra húmida, musgo, especiarias, bagas silvestres, balsâmicos... Na boca é tudo aquilo que um grande Bairrada deve ser: poderoso e ao mesmo tempo polido, assente em taninos perfeitos, com vibrante frescura e suprema elegância. Muita classe, gigante de carácter e singularidade, um tinto completo. (14%)



Sidónio de Sousa

Bairrada Garrafeira tinto 2011

Dulcinea dos Santos Ferreira

É um clássico da Bairrada produzido pela família Sidónio de Sousa, geracionalmente ligada ao vinho. A casta Baga proveniente das vinhas centenárias em Ancas, existentes ainda antes do cadastro vitícola na Bairrada, deu origem ao primeiro Sidónio de Sousa Garrafeira de 1995. A pouco e pouco prosseguiu-se o trabalho de reconversão desta vinha velha, que não foi arrancada, mas estava a ser substituída manualmente na mesma parcela. Devido ao tipo de plantação, este processo demorou anos e foi concluído em 2005. O Garrafeira de 2011 continua fiel à tradição. É feito de vinhedos Baga com idade média de 30 anos e estagiou em tonel velho de carvalho nacional, sendo um dos mais impressionantes exemplos desta casta. (VZ)

Feito de Baga, oriunda dos argilo-calcários de Ancas, fermentado em lagar e estagiado em velho tonel. É um tinto de enorme imponência e riqueza, com grande complexidade aromática, bagas silvestres, especiarias, um toque de menta. Poderoso, cheio de garra e frescura, com taninos sólidos envolvidos pelo corpo imenso, apimentado, muito longo, um tinto de presente e (muito) futuro. Um Baga clássico no seu melhor. (14,5%)



Quinta dos Termos Talhão da Serra

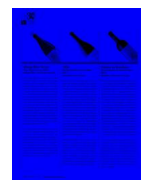
Beira Interior Rufete tinto 2014

Quinta dos Termos

Rufete é uma variedade antiga que está normalmente ausente nas modernas plantações de vinha. Casta da raia beirã, encontra-se de ambos os lados da fronteira, em particular na Beira Interior e no Dão e, em terras espanholas, na zona de Castilla-Leon. Precoce na maturação, dá origem a vinhos com pouca cor, delicados e com aroma muito personalizado. Sugere ser extremamente adequada a integrar os melhores lotes de tintos da Beira Interior, onde aporta carácter e diferenciação. A Quinta dos Termos tem sido um dos produtores que mais tem defendido a casta, dando-lhe inclusivamente honras de brilhar como tinto varietal. Nos próximos anos a importância da casta pode recuperar terreno, graças, em boa parte, ao excelente trabalho da Quinta dos Termos. (JA)

Destaca-se pela enorme pureza e elegância de fruto (cereja, ginja, framboesas), num conjunto de grande complexidade onde se cruzam notas de terra húmida, cogumelos, musgo. Excelente frescura de boca, com taninos finos, final longo e sofisticado, cheio de brilho. Grande exemplo de casta e de terroir. (13%)





Adega Mãe Terroir

Reg. Lisboa branco 2014

Adega Mãe - Sociedade Agrícola

A Adega Mãe não tem fama, nem história secular, mas tem aquilo que mais importa quando se pretende construir um grande vinho – terroir! Terreno calcário, ótimas horas de sol e proximidade da costa são factores de maior importância. Cada casta do trio Viosinho, Alvarinho e Arinto provém da parcela onde a sua expressão está no máximo. Mais do que um conjunto de castas, este vinho é o resultado da sua cumplicidade e da mestria da equipa de enologia, que lhe conferiram grande presença e complexidade. A influência atlântica não passa despercebida, revelando-se na frescura e ligeira salinidade, próprias deste terroir. (VZ)

Um excelente exemplo de vinho da região de Lisboa, apresentando uma cor palha de intensidade média. No copo surgem frutas de caroço, carambola, baunilha e brioche. No palato, aparece um vinho seco e lindamente equilibrado com textura elegante, cremoso e detalhes salinos. Um vinho muito bem feito, com certo perfil de Borgonha, barrica bem casada e final de boca muito longo. (12%)



1836

Do Tejo Grande Reserva tinto 2015

Companhia das Lezírias

Esta enorme empresa agrícola fundada na primeira metade do século XIX tem muita história para contar. Ocupa uma área imensa (não é a lezíria toda mas quase...) e tem uma actividade muito diversificada, onde a vinha ocupa um lugar importante. Os seus vinhos, alguns deles de inegável originalidade (logo a começar na apresentação), têm demonstrado ser óptimas escolhas para o consumidor. A edição deste topo de gama – feito exclusivamente de Alicante Bouschet, de uma parcela com 2 hectares em solo arenoso – vem marcar a procura de um espaço da Companhia num segmento bem alto, onde apenas os grandes vinhos têm lugar. Este é um belíssimo exemplar da casta, a tal que afinal não só no Alentejo gera grandes tintos. (JPM)

Alicante Bouschet de vinhas velhas. Mais fino do que nas duas anteriores edições, mantém o estilo profundo, balsâmico e com frescura resinosa, sem que a madeira o descaracterize. Prova de boca de enorme concentração, compacto e lustroso, tanino apertado, um portento de autenticidade, frescura e potência. Para envelhecer com grandiosidade. (12,5%)



Palácio da Bacalhôa

Reg. Península de Setúbal tinto 2014

Bacalhôa Vinhos de Portugal

Quando há disponibilidade de castas como Cabernet Sauvignon e Merlot, é muito difícil a um enólogo resistir à tentação de fazer um tinto de perfil bordelês. Foi o que se passou na Bacalhôa. Inicialmente existia apenas o Quinta da Bacalhôa, mas o Palácio foi criado com um perfil diferente, com maior percentagem de Merlot. A inspiração bordalesa deu muito bom resultado porque o vinho está a mostrar-se, ano após ano, como um belo exemplar daquele duo de castas tão famoso. A acidez fina da zona de Azeitão permite ainda uma perfeita evolução em cave. A prova de que estamos perante um vinho mesmo grande, é o tempo. Quando passamos os anos mas o brilho se mantém e a qualidade não cede, então temos um caso. E este é muito sério. (JPM)

Tem um excelente impacto aromático, num conjunto muito rico onde se misturam notas de pimentas, bagas silvestres, cacau, tostados, um leve amendoado. Na boca impõe-se pela perfeita harmonia entre força e elegância, com taninos muito sólidos e uma enorme frescura. Vigoroso e austero, ainda muito jovem e fechado, firme e sério, toda uma vida pela frente. (14,5%)



Esporão Private Selection

Alentejo Garrafeira tinto 2012
Esporão

Provas sucessivas dos melhores tintos do Alentejo trazem sempre novidades numa região repleta de grandes tintos, mas este vinho, colheita atrás de colheita (foi lançado pela primeira vez em 1987), mantém-se invariavelmente no pódio. A chave do sucesso é essa mesma: tratar-se de um topo de gama que já conta com muitas edições. De resto, não falta matéria-prima ao produtor Herdade do Esporão (no lote entram uvas de 3 castas provenientes de 3 vinhas, todas com solos diferentes), e a equipa de enologia chefiada por David Baverstock tem créditos mais do que firmados. O objetivo de produzir um tinto simultaneamente característico da região e plenamente sofisticado é alcançado num vinho profundo e complexo, amparado com uma excelente acidez. (NOG)

Aroma tenso com notas de toffee, tabaco, leve floral seco, especiaria. Na boca revela perfil profundo, muito complexo e suave, noz moscada, tanino com secura muito bem desenhada, algum amargo a dar garra. Estrutura e sofisticação, com final rico, longo e sóbrio. (14,5%)



Herdade do Rocim Clay Aged

Alentejo tinto 2015
Rocim

A Herdade do Rocim, sita na Vidigueira, tem uma grande tradição de vinho de talha. Na verdade, por detrás da bonita e moderna adega do Rocim, existe uma outra, bem antiga, onde alguns dos melhores vinhos de talha da região são produzidos. Este magnífico tinto, não tendo sido fermentado em talhas, nelas estagiou por 16 meses, seguindo-se mais 8 meses em garrafa. A partir de castas cheias de carácter – Alicante Bouschet, Petit Verdot, Trincadeira e Tannat –, as uvas foram pisadas a pé em lagar de pedra, com a totalidade dos seus engaços e apenas com leveduras indígenas. O resultado é absolutamente fabuloso, com o vinho a apresentar-se muito jovem e tenso, repleto de garra e muito firme. A opção por estágio em talha não é única da região, e tem tradição noutros países, mas não há dúvida de que teve aqui o seu melhor ensaio. Deseja-se que seja o primeiro de muitos. (NOG)

Austero e sério, fenólico e profundo, cheio de estrutura, alguma terra húmida, fruto contido de grande qualidade. Na boca revela notas de algum sub-bosque, barro, tanino muito fino, num estilo fresco e explosivo. Imenso charme e complexidade mineral. (14,5%)



Júlio B. Bastos

Reg. Alentejano Alicante Bouschet
Grande Reserva tinto 2014
Júlio Bastos

A casta foi criada pelo francês Henry Bouschet em 1865. Na sua terra Natal "les vins obtenus sont assez gras, souvent plats et manquent de finesse et d'élégance", segundo "Le catalogue des vignes cultivées en France". Em Portugal o cenário da aptidão enológica é obviamente muito marcado pelo clima das zonas de maior calor e insolação, onde produz vinhos do outro mundo. É o caso deste Júlio B. Bastos, vinho de uvas criadas por plantas com o mesmo código genético daquelas que produziram os famosos Quinta do Carmo até à década de 80. Um tinto rico extremamente musculado, feito para enfrentar o "tempo vindouro"... se conseguirmos resistir a tentação de o beber, claro está. (JA)

Pólvora, fumados, erva seca, feno, ervas silvestres balsâmicas surgem num aroma complexo com discreto pó de arroz e rosas secas. Notas apimentadas na boca, num estilo potente e efusivo, tanino fino, final seco, maduro e pleno de fruto. Grandioso. (14%)





Mouchão tonel 3-4

Alentejo tinto 2011

Vinhos da Cavaca Dourada

Os vinhos tintos do Mouchão são de há muito uma referência do Alentejo. Nesta propriedade pontificou durante décadas o Alicante Bouschet como casta emblemática. Passadas as vicissitudes que perturbaram a produção após a revolução de 74, o Mouchão reencontrou o seu caminho e com o replantio dos vinhedos foi possível identificar parcelas onde a casta melhor se mostrava. O tonel 3-4 nasceu assim, detectada que foi a consistência de qualidade que aqueles toneis conferiam aos vinhos. Aqui, mais do que um belo Alicante Bouschet, temos um Mouchão, cuja expressão e originalidade é dada pela casta. É por aqui que passa o conceito de terroir. (JPM)

Aroma complexo com notas agri-doces, fruta negra austera a mostrar grande nobreza de carácter, perfil escuro e misterioso. Bela estrutura de boca com taninos muito finos mas presentes a dizerem que precisam de tempo. Rico, maduro, opulento, personalizado e com enorme potencial. Um verdadeiro clássico alentejano. (15%)



Pêra-Manca

Alentejo tinto 2013

Fundação Eugénio de Almeida

Este vinho tem a fama que o persegue e por isto quem o produz tem a responsabilidade acrescida de não desiludir os apreciadores exigentes, corresponder aos padrões de qualidade superior e superar grandes expectativas. As castas utilizadas são as clássicas do Alentejo – Trincadeira e Aragonez. Desde a colheita anterior (2011) cada garrafa contém um selo de autenticidade que consiste num código alfanumérico único, associado ao holograma Cartuxa, incorporado na cápsula. O primeiro Pêra-Manca foi lançado em 1990 e até agora foram produzidas apenas 14 colheitas, pois as condições climatéricas têm que corroborar a vontade humana de produzir um grande vinho. (VZ)

Com um pouco mais de Trincadeira do que Aragonez, denota uma enorme complexidade aromática, com apontamentos de vegetal seco, fruto contido e austero, ameixa, alcatrão, pimentas, cacau. Na boca, as notas vegetais de chá e tabaco dão muita garra e carácter ao vinho. Os taninos sólidos estão perfeitamente polidos, a textura é sedosa, o equilíbrio ácido, excelente. Muito jovem ainda, profundo, personalizado, com leves amargos a dar firmeza e tensão ao final interminável, muito Alentejo num clássico que surge nesta colheita em altíssimo nível. (14,5%)



Burmester Tordiz

Porto 40 Years Old

Sogevinus Fine Wines

Burmester é uma casa antiga e emblemática, que desde meados do século XVIII exportava Vinho do Porto para a Europa. Também é uma das mais reputadas na produção de Vinhos do Porto envelhecidos em casco, especialmente tawnies de 20 e 40 anos e Colheitas. Este tawnie 40 anos é fruto de um complexo lote de vinhos que passaram dezenas de anos em cascos antigos de diferentes tipos e tamanhos. O estágio decorreu em Vila Nova de Gaia, onde o clima é mais ameno do que no Alto Douro e sem grandes alterações de temperatura diária durante todo o ano. Isto refletiu-se na enorme complexidade e impressionante frescura do Burmester Tordiz 40 Years Old, que deve o seu nome à confluência dos rios Torto e Mendiz. (VZ)

Cor brilhante de mogno. O bouquet é simplesmente glorioso, com notas de caramelo, açúcar mascavado, ameixas, passas, avelãs, chocolate e mel. No paladar é potente, intenso, untuoso e aveludado. Tem uma concentração e pureza de frutas simplesmente incrível e um final de boca eterno. (20%)



Graham's The Stone Terraces

Porto Vintage 2015

Symington Family Estates

A tradição no Vinho do Porto das grandes casas é o blend de vinhos de várias propriedades, muitas das vezes de terroirs diferentes, tudo em busca de complexidade e homogeneidade entre colheitas. Mais recentemente, surgiram alguns vinhos de nicho, através dos quais os produtores pretendem demonstrar algo excepcional e diferenciador. Um desses Portos provém da mítica Quinta de Malvedos, casa-forte dos vinhos da Graham's (parte da Symington Family Estates), e de uma vinha de 2,9 hectares, com três parcelas de diferentes exposições que ostenta enormes socacos de xisto. O ano de 2015 foi muito favorável e este Stone Terraces (cujas uvas foram vindimadas à mão em meados de Setembro) ficará na história como um dos mais sedutores da colheita, extraordinário na elegância, complexidade e cremosidade em boca. (NOG)

Proveniente de três parcelas contíguas, num total de apenas 2,9ha. Nariz com incrível complexidade, com a fruta madura e as notas florais em plena harmonia. Prova de boca fantástica, de incrível cremosidade e fixação de sabor, aveludado mas intenso. Um vinho inesquecível, de enorme prazer. (20%)



Messias

Porto Colheita 1967

Soc. Agr. Com. Vinhos Messias

A Messias, cuja fundação remonta a 1926, tem uma ligação muito antiga ao Vinho do Porto. Proprietária de quintas no Douro a Messias esteve sempre muito ligada aos vinhos velhos, aos tawnies com indicação de idade e Colheitas. Não se estranha assim que, mesmo timidamente, a Messias tenha lançado o seu primeiro vintage apenas na vindima de 60. Desde os anos 90 a aposta reforçou-se nos Porto Colheita e é para aí que se destinam os melhores lotes – são vinhos de enorme qualidade na empresa e o seu verdadeiro cartão-de-visita. Aqui esperamos concentração com elegância e finura com estrutura. O 1967 é um caso paradigmático, um diamante já polido pelo tempo. (JPM)

Mostra cor castanha com tons dourados. No nariz exibe uma concentração fabulosa de frutas secas como passas, ameixas e figos, bem como caramelo, melaços e toque de nozes. Na boca é doce e demonstra uma pureza excepcional, seguida de um final de boca extremamente longo e complexo. Um Porto Colheita exemplar. (20%)



Bastardinho de Azeitão

Vinho Licoroso 40 anos

José Maria da Fonseca Vinhos

Autêntica filigrana enológica. Raro na quantidade (esta edição representa os últimos 1.200 litros) é também raro na qualidade: rico, sedutor, opulento veludo de ouro. A casta deambulava em vinhas velhas situadas entre a Costa da Caparica e o Lavradio. A pressão imobiliária foi, paulatinamente, arrancando estas vinhas e com elas o Bastardinho. A última entrega da uva nesta adega foi no início dos anos 80. Em 2005 a família plantou uma pequena vinha desta variedade, mas até que volte a haver Bastardinho com mais de 40 anos na José Maria da Fonseca passarão certamente muitos e muitos anos. Oxalá se consiga recuperar a casta e o seu generoso porque como se costuma dizer – “deste já não há mais”. (JA)

O último (no sentido literal, de derradeiro) lote do Bastardinho da histórica casa de Azeitão é um vinho sublime, de notável complexidade aromática e gustativa, misturando sugestões de biscoito, figos secos, balsâmicos, especiarias. Tudo isso mantendo uma enorme frescura que confere leveza e elegância ao corpo untuoso e rico. Um extraordinário “canto do cisne” para um vinho irrepetível. (18%)

